

**ASSOCIAÇÃO JUNIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES.**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO  
ESCOLAR.**

## **PLANEJAMENTO ESCOLAR**

EUNICE VIEIRA

ORIENTADOR: PROF.<sup>o</sup> ILSO FERNANDES DO CARMO

**VILHENA/2008**

**ASSOCIAÇÃO JUNIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES.**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO  
ESCOLAR.**

**GESTÃO DEMOCRÁTICA: CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO**

EUNICE VIEIRA

ORIENTADOR: PROF.<sup>o</sup> ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Monografia apresentada como exigência  
parcial para a obtenção do Título de  
Especialização em Gestão, Supervisão e  
Orientação Escolar”.*

**VILHENA/2008**

**ASSOCIAÇÃO JUNIENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA  
AJES.**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE  
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO  
ESCOLAR.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

Prof<sup>a</sup>. Ilso Fernandes do Carmo  
Orientador

*À família que me ensinou valores inestimáveis.*

*A Deus, meu auxílio nas horas difíceis.  
A todos os professores que contribuíram para o meu crescimento, especialmente, o orientador.*

*[...] a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade*  
(Paulo Freire, 1980) [do livro *Conscientização*]

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo abordar, o planejamento escolar, tendo em vista, sua importância no processo educacional. Durante muito tempo, o planejamento foi uma promessa de retenção ou frustração. Sendo enxergado como algo que não funcionava, ligado a perda de tempo. Os conteúdos a serem trabalhados são em grande parte definidos de forma autoritária, onde os educadores não participam dessa tarefa. O planejamento deve caracterizar-se pela busca de integração efetiva entre escola e realidade social. Assim, a participação dos pais, educadores, educandos, especialistas e demais pessoas envolvidas no processo educativo se configura no início das ações direcionadas a produção do conhecimento. Os conteúdos a serem trabalhados precisam estar estreitamente relacionados com experiências de vidas dos educandos. Dentro desse contexto, planejar implica pensar ações a serem realizadas, e agir de acordo com o previsto. Dessa forma, o educador deve encontrar objetivo em planejar para que possa envolver-se significativamente nesta atividade. Planejar a educação é parte essencial da reflexão sobre como realizar trabalho escolar. Isso significa encarar os problemas da escola e do sistema educacional. Assim, atingem-se os objetivos antes previstos, pensando no futuro, sem desconsiderar as condições presentes e as existências passadas. Portanto, esse trabalho se justifica pela necessidade de se repensar a importância do planejamento escolar, para que a escola atinja os objetivos a que se propõem. Baseando-se em estudos bibliográficos a partir da Legislação em vigência e em autores que discutem a temática.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I – PLANEJAMENTO ESCOLAR</b> .....	11
1.1 Histórico de planejamento.....	11
1.1.1 A fase do princípio prático.....	12
1.1.2 A fase instrumental.....	13
1.1.3 A fase do planejamento participativo.....	13
1.2 Definição de planejamento.....	13
1.2.1 Processo de prever necessidades.....	14
1.2.2 Processo de recioanlização dos meios e dos recursos humanos e materiais.....	15
1.2.3 O processo de planejamento o alcance de objetivos em prazo e etapas definidos.....	16
1.2.4 O processo de planejamento requer conhecimento e avaliação científica da situação original.....	16
<b>CAPÍTULO II – O PLANEJAMENTO ENCONTRADO NA ESCOLA BÁSICA</b> ..	18
2.1 O plano de disciplina.....	18
2.1.1 Importância do plano de disciplina para o professor .....	18
2.1.2 Características de um plano de disciplina.....	19
2.1.2.1 Objetividade e realismo.....	19

2.1.2.2 Funcionalidade.....	19
2.1.2.3 Simplicidade.....	20
2.1.2.4 Flexibilidade.....	20
2.1.2.5 Utilidade.....	21
2.2 Planejamentos Curriculares.....	22
2.2.1 O que significa planejar currículo?.....	22
2.2.2 Atos de planejamento curricular.....	22
2.2.2.1 Ato de situar.....	22
2.2.2.2 Ato de elaborar.....	23
2.2.2.3 Ato de executar.....	25
2.3 O plano de aula.....	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo, analisar de que forma o planejamento escolar vem sendo utilizado nas escolas, a fim de que se possam garantir a qualidade do ensino, levando-se em consideração que no atual contexto social, um planejamento escolar efetivo é fundamental para que se concretize uma educação de qualidade.

Nos últimos anos, com o avanço das políticas educacionais que postulam a descentralização, a gestão da unidade escolar passou a receber maior atenção, ampliando-se suas responsabilidades na busca da melhoria da qualidade do ensino.

Partindo do princípio que cada escola possui uma realidade específica, propomos a discussão de um processo de planejamento que incorpore os diferentes "olhares" presentes no dia-a-dia da unidade escolar, através da efetiva participação de pais, alunos, professores, funcionários e especialistas nas decisões sobre os rumos da escola.

De acordo com FUSARI (1984), para desenvolver o currículo e atingir o objetivo proposto de promover a aprendizagem, é indispensável um bom planejamento. Sendo, assim, para o referido autor, o contrário da improvisação. No Magistério, a improvisação é importante e necessária, mas só pode ocorrer como exceção, não como regra. Em alguns casos, porém, a situação da escola é tão complicada que o planejamento não vinga.

Dessa forma, o planejamento deve ser uma tarefa permanente desde a formação inicial do educador, quando ele aprende a organizar o próprio trabalho. Existe uma condição técnica, que é a de dominar objetivos educacionais. O docente precisa ver o objetivo como um ponto de chegada e trabalhar a questão do conhecimento em função dele. Isso acontece quando se dá um novo significado tanto na formação inicial quanto na formação em serviço. O educador deixa de ser um mero executor e transforma-se em alguém capaz de dar sentido a seu trabalho.

Se a formação inicial foi deficitária, não adianta ficar sentado em cima da má formação, se queixando e denunciando. O mais importante é que o educador precisa estar atento, despertando para a importância de reivindicar o direito de melhorar, de ter um contrato de trabalho que garanta tanto seu momento de docência quanto o período de planejamento e avaliação.

A escola brasileira está se estruturando. Foi democratizada na perspectiva da quantidade ao garantir o acesso a todos. O mesmo, no entanto, não ocorre com a qualidade. Nesse sentido, o planejamento é um instrumento de articulação muito importante entre quantidade e qualidade e se configura, em meio para atender às necessidades de crianças, jovens e adultos que estão na escola e lá permanecerão durante anos, isso dá ao planejamento dimensão política.

Assim, o trabalho encontra-se estruturado em 2 capítulos. Sendo que, no primeiro capítulo, apresentamos o histórico e a definição de planejamento escolar. Em seguida, no capítulo dois são apresentados os tipos de planejamento existentes na escola básica. Finalizando, as considerações finais e o referencial teórico abordado para a realização do trabalho.

## **CAPITULO I - PLANEJAMENTO ESCOLAR**

### **1.1 HISTÓRICO DE PLANEJAMENTO**

Para WILLIANS (1992), considerando-se, que a educação é um processo social, para ser compreendida, é necessário que seja analisada nas intersecções que compõem a estrutura social. Nesse sentido, não é possível compreender o planejamento da educação sem considerar os elementos que o definem como um componente do processo social, ou um sistema de significações, composto, por um lado, de relações entre os sistemas econômicos, políticos e educacionais e, por outro, pela dependência desses sistemas para realizar-se como atividade social.

Dessa forma, a sistematização do planejamento se dá fora do campo educacional, à atividade de planejar é tão antiga quanto o homem, estando ligada ao mundo da produção e à emergência da ciência da administração, no final do século XIX. Este novo campo de saber terá como emblemáticos os nomes do americano TAYLOR (1856-1915) e do francês FAYOL (1841-1925). A própria administração vai se utilizar, para configurar o planejamento, de termos como objetivos, estratégia de um campo ainda mais distante e ancestral: a guerra! Considerada como um empreendimento que desde muito cedo buscou a eficiência. No entanto, o elemento genealógico mais complicador em termos de alienação do trabalho, em geral e escolar, tenha sido a preconização por Taylor da necessidade de separar a tarefa de

planejamento da execução, ou seja, para ele, organizar cientificamente o trabalho implicava a distinção radical entre concepção e realização.

Assim, esta nova ciência acaba por respaldar e justificar a prática tão antiga, desde os gregos, por exemplo, de uns conceberem e outros executarem. Abre também o campo para o planejamento tecnocrático, onde o poder de decisão e controle está nas mãos de outros técnicos, políticos, especialistas, e não no próprio agente.

O planejamento vai avançando para todos os setores da sociedade, no início do século XX, provocando um enorme impacto a partir do seu uso na União Soviética não como simples organização interna a uma empresa, mas como planificação de toda uma economia.

Podem-se identificar três grandes linhas em termos de planejamento administrativo, na atualidade: o gerenciamento da qualidade total, o planejamento estratégico e o planejamento participativo, sendo que a tendência do primeiro é decrescente em favor do segundo, que procura, em certos casos, incorporar contribuições do terceiro, que é mais difícil de ser utilizado em empreendimentos cuja função social não possa ser definida coletivamente.

Assim, a escola conseqüentemente, não ficou imune a este movimento. Ao analisarmos a história da educação, percebemos diferentes concepções do processo de planejamento, de acordo com cada contexto sócio-político-econômico-cultural. A prof. Margot Ott, apud VASCONCELLOS (1999), aponta três grandes concepções que vão se manifestando em diferentes momentos da história do planejamento:

### **1.1.1 A FASE DO PRINCÍPIO PRÁTICO**

Esta fase está relacionada à tendência tradicional de educação, em que o planejamento era feito sem grande preocupação formal, basicamente pelo professor e tendo como o horizonte a tarefa a ser desenvolvida em sala de aula.

O planejamento pedagógico do professor no sentido tradicional, a rigor não era bem planejamento, era muito mais o estabelecimento de um roteiro que se aplicaria fosse à realidade. O plano era objetivamente, uma referência para o

trabalho do professor, estava presente em sala de aula e servia de guia (VASCONCELOS, 1999).

### **1.1.2 A FASE INSTRUMENTAL**

Esta fase relaciona-se a tendência tecnicista de educação, em que o planejamento aparece como a grande solução para os problemas de falta de produtividade da educação escolar, sem, no entanto, questionar os fatores sócios, políticos, econômicos e culturais. Dava-se muita ênfase ao aspecto formal, à especificação de todos os comportamentos verificáveis; chagava-se a afirmar, por exemplo, que “só se podem estabelecer objetivos que se possa medir”.

Daí então, planejar passou a significar preencher formulários com objetivos educacionais, estratégias de ensino, avaliação de acordo com objetivos.

Aliado ao processo de desgaste do professor, entre eles, má formação, remuneração, falta de condições adequadas de trabalho, e outros, está o avanço da indústria do livro didático, como que compensando a falta de condições do professor preparar bem as aulas. Além disto, do ponto de vista do planejamento, em poucos anos os livros passaram a trazê-lo pronto, quase que induzindo o professor à cópia (VASCONCELLOS, 1999).

### **1.1.3 A FASE DO PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**

Esta nova forma de se encarar o planejamento é fruto da resistência e da percepção de grupos de educadores que se recusavam a fazer tal reprodução do sistema e foram buscando formas alternativas de fazer educação e, portanto, de planejá-la. O saber deixou de ser considerada como propriedade de especialistas, passando a valorizar a participação, o diálogo, o poder coletivo local, a formação da consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática transformadora (VASCONCELLOS, 1999).

## **1.2 DEFINIÇÃO DE PLANEJAMENTO**

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a, ser realizada. É buscar fazer algo incrível, essencialmente humano o real a ser comandado, pelo ideal. Em relação a postura crítica, que vai em sentido contrário a burocratização e aos modelos sistêmicos, o planejamento não pode ser encarado como ação puramente formal, mas como uma ação viva e decisiva, pois é um ato político decisório, como ressalta LUCKESI (1990, p. 115):

*"O planejamento, entendido como ato político, será dinâmico e constante, pois estará a feito a uma constante tomada de decisão. Não necessariamente deverá ser registrado em documento escrito. Poderá tão somente ser assumido como uma decisão e permanecer na memória viva como guia de ação. Aliás, só como Memória viva ele faz sentido. Papéis e formulários são Simplesmente mecanismos de registro e fixação gráfica do decidido."*

Assim, planejar é também se comprometer com a concretização daquilo que foi elaborado enquanto plano.

Conforme, MARTNÉZ e LAHORE (1977, p. 11):

*"Endende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização dos meios, materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos conceitos, em prazos determinados e em etapas definidas a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original"*.

Esta definição não se caracteriza por um tipo específico de planejamento e nos elementos básicos. Analisando a definição num amplo sentido, podemos verificar claramente os elementos formais que a constituem e que podem fazer parte da definição específica de qualquer planejamento.

### **1.2.1 PROCESSO DE PREVER NECESSIDADES**

O processo se define pelas etapas que se desdobram em seqüência lógica, segundo normas, métodos e técnicas específicas para chegada ao alcance dos objetivos.

A previsão diz respeito às necessidades de se pensar sobre o necessário a ser realizado. É, pensar sobre o presente e sobre o futuro, pensando nos problemas existentes e tentando evitá-los para o futuro.

Planejar, em sentido amplo, segundo PADILHA (2001, p. 63), é um processo que

*"Visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro", mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja".*

Nesse sentido, planejar é uma atividade que está dentro da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar a improvisação, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação.

Assim, planejar e avaliar andam de mãos dadas, prever é observar claramente o que é possível fazer para se chegar à resolução de uma situação, partindo das interações teóricas, a fim de se chegar a um agir concreto. A necessidade pode ser vista ou prevista.

Percebemos que o ato de planejar surge sempre das necessidades urgentes e a partir de uma sondagem sobre a realidade sendo esta sondagem a primeira etapa do processo de planejamento, é através do conhecimento da realidade que podemos estabelecer quais são as principais urgências e necessidades que precisam ser primeiramente durante o ato de planejar.

### **1.2.2 PROCESSO DE RACIONALIZAÇÃO DOS MEIOS E DOS RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS**

Racionalizar é um processo discursivo que quer dizer desenvolver colocações evidentes e bem definidas através das quais pretendemos chegar a novas situações. Racionalizar é efetivar com sabedoria uma previsão real de todas as condições e dos meios necessários, a fim de poder executar, com eficiência, o plano; sabendo tomar decisões sobre o que deve usar e como usar para uma melhor concretização do plano.

Para uma certada e racional previsão de todos os meios e etapas de planejamento, devemos dispor de habilidades para prever uma ação que se realizará posteriormente.

Dessa forma, planejamento é processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento de

empresas, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas.

De acordo com PADILHA (2001, p. 30):

*“O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações”.*

Nessa acepção, a previsão e tomada de decisões a respeito dos recursos e meios possíveis e disponíveis são fundamentais à conquista dos objetivos. A previsão é um momento que envolve uma análise profunda da realidade das disponibilidades, dos meios, dos recursos humanos e materiais.

Assim, a organização dos melhores meios e recursos requerem um estudo profundo objetivo e realista para que estes sejam os mais adequados aos objetivos que se pretende atingir, sendo selecionados a partir dos objetivos do planejamento.

### **1.2.3 O PROCESSO DE PLANEJAMENTO VISA O ALCANCE DE OBJETIVOS EM PRAZO E ETAPAS DEFINIDOS**

Depois de conhecida a realidade, surge à necessidade de se definir os objetivos para a mudança dessa realidade. Uma das principais etapas do processo de planejamento é a definição dos melhores objetivos, pois são eles que irão nos orientar para o processo e execução do planejamento.

Os objetivos não só expressam intenções claras e bem definidas, como também estabelecem, em termos bem definidos as etapas e prazos a serem desenvolvidos. O ato de planejar requer que pensemos sobre as etapas e prazos, ou seja, quando iniciamos a execução até onde podemos ir, quando podemos ou devemos terminar.

### **1.2.4 O PROCESSO DE PLANEJAMENTO REQUER CONHECIMENTO E AVALIAÇÃO CIENTÍFICA DA SITUAÇÃO ORIGINAL**

Sendo o objetivo do planejamento a previsão de mudanças de uma situação real, o próprio ato de planejar deve submeter-se a uma avaliação durante todo o seu processo. A avaliação do processo de planejamento deve ser criteriosa e científica para se evitar falhas na sua elaboração e estruturação. O planejamento deve ser constantemente avaliado e reavaliado para que se possam observar falhas ou até mesmo melhoria ente os seus elementos formadores.

Podemos concluir esta definição do planejamento dizendo, segundo MENEGOLLA (2000), que todo ele requer:

- Conhecimento da realidade, das suas urgências e necessidades;
- Definição de objetivos claros e preciosos;
- Determinação de meios e recursos possíveis, viáveis e disponíveis;
- Estabelecimento de etapas e prazos para sua execução;
- Pensar naquilo que existe, sobre o que se pode alcançar com que meio se pretende agir, como avaliar o que se pretende atingir.

## **CAPÍTULO II – O PLANEJAMENTO ENCONTRADO NA ESCOLA BÁSICA**

### **2.1 O PLANO DE DISCIPLINA**

O plano de disciplina é um instrumento para sistematizar a ação concreta do professor em sala de aula, a fim de que os objetivos sejam atingidos. A previsão dos conteúdos que serão desenvolvidos, a definição dos objetivos mais importantes, assim como a relação das melhores técnicas e procedimentos bem como recursos humanos e materiais serão usados para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

A partir da filosofia da escola e de seus objetivos e dos objetivos da clientela, os professores irão planejar suas disciplinas a fim de que atenda os aspectos fundamentais para a melhoria do ensino.

O professor deve planejar sua disciplina em um contexto geral e estar intimamente relacionado com os objetivos dos alunos e da escola. Ao planejar a disciplina e seus conteúdos, o professor deve ter em mente que os conteúdos são meios para atingir os objetivos (GIROUX, 1997).

#### **2.1.1 IMPORTÂNCIA DO PLANO DE DISCIPLINA PARA O PROFESSOR.**

Toda pessoa deve pensar antes de agir, portanto todos pensam no que devem ou não fazer. Tudo é sonhado, imaginado previsto e planejado ser

executado. A partir dessa realidade, o professor necessita pensar seriamente e com responsabilidade sobre sua ação. Pensar antes de agir é um ato de sabedoria. Para o professor é muito importante planejar do melhor forma possível a sua disciplina.

O planejamento é importante para o professor, segundo VEIGA (1995) porque:

- Ajuda o professor a definir os objetivos para que atenda os interesses dos alunos;
- Possibilita a seleção e organização dos conteúdos;
- Facilita a organização dos conteúdos de forma que obedeça a estrutura da disciplina;
- Ajuda o professor a coleccionar os melhores procedimentos e recursos orientando no como deve agir;
- Evita a improvisação, a repetição e a rotina;
- Facilita a integração e a continuidade do ensino;
- Ajuda a ter visão global de toda a ação docente e discente;
- Cooperar na tomada de decisões entre professor e aluno de forma participativa.

## **2.1.2 CARACTERÍSTICAS DE UM PLANO DE DISCIPLINA**

### **2.1.2.1 OBJETIVIDADES E REALISMO**

Todo e qualquer plano deve ser objetivo, caso contrário, se torna impraticável sem validade e aplicabilidade. Ser objetivo é ser realista para uma situação concreta e determinada, e com isso seguir a partir também, da realidade concreta dos alunos, dos professores, da escola e da comunidade. Por exemplo, o plano deve ser adequado á realidade da comunidade a qual a escola esteja inserida, porque do contrario não é um plano objetivo e realista, pois, cada plano serve para uma determinada situação ou realidade.

### **2.1.2.2 FUNCIONALIDADE**

Para que o plano possa ser executado com facilidade e objetividade, o mesmo deve ser um instrumento orientando para o professor e para o aluno sendo funcional. Como os alunos são os principais agentes do plano, este deve ser prático. Se o plano não for funcional para o professor e para o aluno ele não terá valor didático, podendo dificultar o ensino do professor e a aprendizagem dos alunos.

Como diz SANT'ANA et al (1995, p. 93):

*“Se o plano é um guia, ele deve ser um guia claro, objetivo e variável para o professor e para os alunos. A fim de que possa ser trabalhado numa realidade e com as condições próprias das mesmas”.*

### **2.1.2.3 SIMPLICIDADE**

Segundo SANT'ANA et al (1995), o plano de ensino orienta toda a linha de ação na sala de aula, e envolve uma série de elementos, como o professor, os alunos, os conteúdos, os experiências, as atividades, os recursos, o processo de avaliação e assim por diante, por isso necessariamente, deverá ser claro e simples para ser compreensível e variável, pois sua compreensão facilita a sua execução.

Sendo o plano um meio para simplificar o agir é preciso no momento de planejar evitar a complexidade, pois o plano é um meio para simplificar o agir fazendo com que ele se torne mais lógico e coerente. Devemos ao planejar evitar no máximo o modismo pedagógico e sermos claros e simples.

SANT'ANA et al (1995, p. 95), concluem que:

*“Ao planejarmos, devemos partir de nossa realidade escolar, dos nossos alunos, usando estilos, esquemas e forma simples evitando-se todos os enfeites e vedetismos, que envolvam processos sistêmicos, às vezes desprovidos de qualquer conteúdo”.*

### **2.1.2.4 FLEXIBILIDADE**

O planejamento é um processo que se preocupa com e para onde “ir” e como chegar “lá”, analisando situações presentes e as possibilidades futuras.

De acordo com SANT'ANA et al (1995, p. 95):

*“Todo plano que não obedecer de flexibilidade, isto é que não possa ser mudado ou reestruturado quando necessário, está falando ao fracasso podendo-se tornar um meio de dominação”.*

Um plano que não deve ser rígido, estar acabado e pronto, havendo a necessidade de reestruturá-lo devemos fazê-lo toda vez que surgir possíveis fracassos no ensino, devemos ter a coragem de realizar mudanças radicais, quando

a causa do fracasso se recair sobre o aluno, pois são elas as referências para a elaboração de um plano. Ou seja, o plano deve ser elaborado em função do aluno, e não ao contrário. O professor não deve dizer que o conteúdo será este ou aquele, porque assim foi planejado, pelo fato de que a determinação do planejamento reside na realidade dos alunos.

### **2.2.2.5 UTILIDADE**

A utilidade do plano vai depender do nível de transformação que ele vier a processar no aluno. Pois, toda mudança que não for profunda e significativa, passa a ser privada de qualquer significado.

Um plano para ser útil, antes de tudo de ser constituído de seriedade pedagógica para que atenda as exigências e ansiedades dos alunos. Antes de colocarmos o plano em ação devemos verificar se ele apresenta princípios norteadores e que sejam úteis para as pessoas, ou serão meras palavras sem seqüência, estrutura ou utilidade. Para ser útil, o plano necessita de organização, conhecimento, experiência, e deve estar relacionado aos objetivos e interesses dos alunos. O plano só terá validade se for importante e útil aos alunos, que tentam buscar na escola, a sua formação integral como pessoa humana.

Na elaboração de um plano de disciplina se faz necessário estudar e analisar várias etapas, para podermos trabalhar numa seqüência dinâmica e coletiva.

Para isso precisamos, segundo LIBANEO (1994):

- Conhecer a realidade do aluno, da escola e da comunidade.
- Delimitar os conteúdos mais significativos para se atingir os objetivos.
- Escolher os melhores procedimentos e técnicas de ensino.
- Selecionar os melhores recursos humanos e materiais.
- Usar as melhores técnicas, estabelecer os melhores processos de avaliação.

O critério da utilidade vai levar-nos atender diretamente o problema do uso posterior do conhecimento, em situações novas.

Na seleção de conteúdos, ele estará presente quando conseguirmos harmonizar os conteúdos selecionados para estudo, com as exigências e características do meio em que vivem nossos alunos.

## **2.2 PLANEJAMENTOS CURRICULARES**

### **2.2.1 O QUE SIGNIFICA PLANEJAR CURRÍCULO?**

O currículo não deve ser definido por apenas uma seriação de estudo, ou uma listagem de conteúdos das diferentes disciplinas para serem ensinados em sala de aula. O currículo não é mais entendido como sendo simplesmente uma relação e distribuição das disciplinas com a sua respectiva carga horária nem é o número de dias letivos ou hora- aula.

O currículo escolar não se limita relacionar matérias, cargas horárias ou outras normas que dizem respeito á escola e ao que o plano deve cumprir. O currículo não deve ser fechado somente á escola ou a sala de aula.

VEIGA (2000, p. 89) diz que:

*“(...) é possível afirmar que o currículo é um instrumento de confrontos de saberes, o saber sistematizado é indispensável á compreensão crítica da realidade, e o saber da classe que o aluno representa e que é resultado das formas de sobrevivência que as camadas populares criam (...)”.*

Por essa razão, o currículo refere a todas as situações que o aluno vive, dentro e fora da escola, devendo o currículo estar ligado diretamente ao papel que a escola deve assumir perante os alunos, os educadores, os funcionários os pais e a sociedade como um todo. Então planejar currículo implica tomar decisões educacionais envolvendo uma visão de sociedade e de homem que se pretende formar.

### **2.2.2 ATOS DE PLANEJAMENTO CURRICULAR**

#### **2.2.2.1 O ATO DE SITUAR**

O currículo deve ser visto como um ato que só se realiza na coletividade. Planejar currículo é, portanto, um ato coletivo que se origina de uma

reflexão sobre a realidade social, política, econômica religiosa da sociedade, é de constatação de como o problema aparece. Ao da realidade concreta deve-se buscar a essência dos dados sociais em que a escola está inserida. É preciso também conhecer a prática pedagógica vivida pela escola.

VEIGA (2000, p. 91), definiu da seguinte forma:

*“(...) o momento de descrição da realidade. É o ponto de partida do planejamento curricular. Daí a necessidade de vivenciar o cotidiano da escola, de participar de suas atividades, dialogar com os alunos, pais e outros educadores”.*

Após coletados e organizados os dados deve-se discutir a prática pedagógica atual permitindo uma maior interação sobre o que aconteceu dentro da escola, indicando quais questões precisam ser resolvidas no recinto escola.

Dentro do ato de situar, compreendendo a realidade de forma crítica, é um momento da tomada de consciência por parte dos educadores, tornando maior a distancia entre as palavras e os fatos e de contradições em sua prática pedagógica, e antes de qualquer coisa o momento de reflexão onde as interferências serão discutidas e compreendidas.

No momento em que estamos nos situando, definimos o que é prioritário para que a escola posteriormente propor alternativas para diminuição de suas dificuldades.

#### **2.2.2.2 O ATO DE ELABORAR**

O ato de elaborar o momento prioritário da elaboração do plano curricular onde contem as proposta de mudanças que sejam mais coerentes com a realidade escolar. O plano curricular como produto desse processo coletivo é muito participativo e deve ser decidido por todas as pessoas envolvidas com o processo educativo.

Quando tomamos decisões relacionadas ao currículo estamos buscando cominhos de situação, ou seja, tomando decisões de alto valor para o processo educativo da escola.

Segundo VEIGA (2000, p. 95):

*“Decisões básicas do currículo abrangem questões referentes ao “que”, “para que”, e o “como” ensinar articulada, ou “para quem”. As decisões relativas ao “para que” implicam definição de objetivos*

*pedagógicos. É impossível planejar currículo sem o estabelecimento dos objetivos a serem alcançados. Os objetivos direcionam a sequenciação das disciplinas com mais respectivas cargas horárias (grande curricular), a seleção e a organização dos conteúdos, os meios utilizados para ensinar e avaliar as atividades previstas pela escola em seu conjunto (...)*”.

Por isso, devem participar da elaboração desses objetivos, desde ao gerais aos mais específicos de cada disciplina. A escola deve pensar sobre o que pretende sob o ponto de vista político e pedagógico. O planejamento curricular adaptado a uma pedagogia critica tem um compromisso com a transformação social, fazendo com que se torne capaz de participar do processo de construção de uma nova ordem social.

Para FUSARI (1984), dentre as decisões tomadas no ato de elaborar, existe uma muito importante que diz respeito á seleção e a organização dos conteúdos curriculares, além de ser uma tarefa difícil apresenta características que todo o educador deve ter presente em sua ação pedagógica em primeiro lugar, os conteúdos devem ser marcados pelos interesses das classes que estruturarão uma visão de sociedade. Outra característica refere-se intencionalidade, devendo situar-se na busca de finalidade.

Ainda, segundo o autor, uma terceira característica consiste no caráter significativo e critico o conteúdo, tratando de privilegiar a qualidade do conteúdo e não a quantidade de informações repassadas para os alunos. Outra característica do conteúdo curricular diz respeito á criatividade, tomando como próprios as vivencias nas camadas populares, conhecendo melhor o meio em que vivem, a fim de possibilitar ao aluno o conhecimento de uma realidade mais elaborada, e com isso pode agir sobre ela.

A metodologia apropriada e esse assunto pressupõem, em primeiro lugar, que o aluno seja sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, em segundo lugar que desenvolva a criticidade através de explicação e compreensão das questões que precisam ser envolvidas e terceiro lugar, a criatividade manifestada pelos educandos através da capacidade de expressarem uma compreensão da pratica em termos bem elaborados.

A metodologia voltada para a pedagogia critica procura evitar os ensinios teóricos, livrescos e distanciados da realidade, se reduzindo a mera transmissão do conhecimento. Para que o processo ensino-aprendizagem tenha

êxito, vamos à necessidade de se trabalhar com os problemas postos pela prática social e que podem ser relacionados aos conteúdos curriculares.

Essa abordagem não significa a adoção de uma nova técnica de ensino que implicaria em uma nova postura por parte dos educadores. Ela estabelece uma responsabilidade coletiva, para que educadores, pais e alunos possam tomar conhecimentos dos limites e das possibilidades dos seus educandos. A metodologia que se faz coletiva e solidária é diferente daquela que é determinada a priori de cima para baixo a respeito de como devem ser realizadas as atividades de sala de aula.

A educação fundada nos pressupostos de uma pedagogia crítica busca a percepção coletiva das contradições e das determinações sociais necessárias à efetivação de uma prática pedagógica reflexiva crítica e criadora, deixando tanto educador como educando de ser agente passivo para se tornar sujeitos capazes de propor ações coerentes superando com isso as dificuldades encontradas.

### **2.2.2.3 O ATO DE EXECUTAR**

O ato de executar diz respeito às medidas tomadas, coletivamente. A medida que a escola persiga os objetivos, é preciso que as decisões do plano estejam adequadas a esses objetivos.

A esse respeito VEIGA (2000, p. 48), comenta:

*“(...) Em função do alcance dos objetivos propostos conjuntamente e especificados no plano curricular, há necessidade de se levar em consideração as condições concretas e as possibilidades de a escola atingi-los. A forma de alcançá-los não podem ser desvinculada dos conteúdos transformadores dos objetivos nem das condições concretas da escola.”*

Assim, as orientações para o desenvolvimento do plano curricular devem ser simples e objetivas.

As garantias da qualidade do ensino em torno da organização das turmas e turmas, além de uma flexibilidade na preparação do calendário e horário escolar, como também na observação das normas contidas no regimento escolar, que expressam os compromissos assumidos pela escola perante a equipe escolar e perante a assembléia geral que o apreciou.

Conforme, afirma VEIGA (2000, p. 67):

*“Dois pontos diariamente ligados às decisões e execuções ainda merecem atenção. O primeiro diz respeito à formação continuada dos educadores e funcionários da escola, envolvendo a participação em cursos de licenciatura, pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização, seminários, congressos e outros congêneres. O segundo ponto refere-se à necessidade de garantir as condições físicas e materiais indispensáveis ao desenvolvimento curricular (...).”*

O que precisamos é criar condições para que a escola como constituição pública esteja devidamente aparelhada para cumprir com efetividade sua função.

Conforme coloca ARROYO (1986, p.41):

*“Uma escola possível para o povo tem que começar por criar condições para sua existência material, sem a qual será romântico re – programa alternativas pedagógicas inovador”.*

O ato de executar o plano curricular é no momento onde colocamos em ação o que foi discutido e decidido coletivamente, neste momento verificamos se as decisões foram acertadas ou erradas e o que deve ser preciso revisar ou reformular.

Podemos, no entanto na execução do plano alterar algumas decisões, bem como introduzir ações completamente novas.

A avaliação do currículo deve partir da necessidade de conhecer realidade escolar seguindo por conhecer a causa e existência dos problemas, de maneira crítica e em ação coletiva, propor mudanças.

Dessa forma, a avaliação do currículo deve partir da necessidade de conhecer a realidade escolar, seguindo por conhecer a causa e experiência dos problemas, de maneira crítica e em ação, coletiva propor mudanças. Assim, podemos verificar que o processo de avaliação do currículo envolve três momentos: a descrição da realidade escolar, a compreensão crítica dessa realidade e as propostas alternativas de ação, que em ação coletiva nortearão a escolha de procedimentos de análise do plano, após análise, os dados quantitativos não são deixados de lado, sabendo, pois, que a análise é acima de tudo qualitativa.

Nesse contexto, podemos deduzir, que o currículo deve se limitar a estruturação das matérias de ensino como algo delimitado, devemos ir bem além, aproveitando todas as experiências, todas as atividades e todas as ações do educando, da escola e da sociedade, afim, de alcançar os objetivos educacionais procurando considerar os pressupostos de uma proposta progressista e crítica.

### 2.3 O PLANO DE AULA

O plano de aula se configura na proposta de trabalho do educador, para uma determinada aula. Também a descrição minuciosa e objetiva do processo de planejamento.

Conforme VASCONCELLOS (1999, p. 87):

*“(...) muitos professores consideram que este é um planejamento que importa mesmo, o que não deixa de revelar uma dose de bom senso. Apenas lembramos que o plano poderá ter muito mais consistência e organicidade se estiver articulado ao Projeto de Curso e ao Projeto político-Pedagógico da escola”.*

Como podemos perceber a elaboração do projeto de curso ou disciplina não elimina o preparo de cada aula, e sim, coloca-se como complemento de sua realização.

Para educadores e educandos, o plano deve ser visto como um roteiro de um diário na sala de aula, é um guia de trabalho, é um manual de uso constante, enfim, é um roteiro que direciona uma linha de pensamento e ação.

É importante ressaltar, que não devemos planejar uma só aula com o intuito de atender várias turmas, pois as turmas, não são uniformes, homogêneas ou idênticas. Pois, se em uma turma há uma diversidade entre os educandos, podemos imaginar, em turmas diferentes.

Em princípio, as aulas podem ser encaminhadas de várias maneiras, além disso, planejar significa prever uma forma possível e desejável. Se não há planejamento, podemos desperdiçar oportunidades, muito interessantes.

Assim, fica claro que toda a aula tem início, muito antes, do momento de entrar na classe. A maneira de planejar é simples, pois, primeiro defini-se os objetivos, pensando nos interesses e nas possibilidades dos educandos. Depois, o caminho para alcançá-los com materiais, espaços, técnicas e tempo disponível. Entre o primeiro e o último, precisamos caminhar muito, mas quem caminha, encontra a chave do sucesso.

Por isso, deve-se entender o planejamento, segundo MORIN (2000, p. 284), como “estratégia” e não como “programa”. O programa consiste numa cadeia de passos prescritos a serem seguidos rigorosamente e em seqüência; a estratégia, ao contrário, é a arte de trabalhar com a incerteza, compondo cenários de ação que

podem se modificar em função de informações, acontecimentos e imprevistos que sobrevenham no curso das ações, em seu conjunto.

O planejamento do ensino é, então, uma espécie de guia da ação, porquanto projeta valores, idéias motoras, princípios sobre os quais se organiza e concebe a ação docente em sala de aula. Sua função é a de orientar e fundamentar escolhas, mesmo que não seja capaz de antecipar todas as decisões que serão tomadas em sala de aula. Coerentes com essa concepção, é comum que uma mesma aula desenvolvida por um professor seja executada de maneiras completamente diferentes nas várias turmas em que ele leciona, sem que ele tenha se descuidado do planejamento de suas aulas. Podemos concluir dizendo que os planos de ensino são transformados e recriados ao longo de sua implementação.

Mas, então, por que “gastar tempo” procurando antecipar algo que terá que ser feito? A esse respeito, o educador espanhol SACRISTÁN (1998, p. 279): afirma:

*“Os planos, resumidos como esquemas flexíveis para atuar na prática, proporcionam segurança ao professor/a; assim, abordará com mais confiança os aspectos imediatos e imprevisíveis que lhe são apresentados na ação. O plano prévio é o que permite, paradoxalmente, um marco para a improvisação e criatividade do docente. O plano delimita a prática mas oferece um marco de possibilidades abertas)”*

Por outro lado, o planejamento de ensino nos leva a expor e justificar nossas práticas e, assim, a compreender melhor o que fazemos. Feitos de modo mais formal por alguns (com cadernos e anotações), por outros, de maneira mais esquemática, os planos de ensino potencializam a reflexão sobre a prática docente. Essa explicitação nos ajuda a refletir sobre o trabalho que fazemos e permite ainda compartilhá-lo com outros colegas. De acordo com SACRISTÁN (1998, p. 201), *“um baixo nível de dedicação a uma atividade previsora e reflexiva como é o planejar significará atividade profissional pouco autônoma ou alto nível de dependência”*.

O planejamento do ensino, como atividade que prepara, organiza e orienta a ação docente, deve levar em consideração os condicionantes da prática, ou seja, as condições objetivas da escola, dos alunos e do currículo. Por exemplo, a existência ou não de laboratórios ou sala ambiente pode inibir ou favorecer determinadas ações; do mesmo modo, o número de alunos em classe, a heterogeneidade dos grupos e o número de aulas que se tem para o tratamento de um

tópico do currículo são fatores que precisam ser levados em conta para organizar as atividades de ensino na sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações expostas no decorrer do trabalho, podemos concluir que planejar significa, assumir uma atitude crítica e, portanto, séria diante de uma situação problema.

A tarefa do educador, assim, consiste-se em articular um ensino que se caracteriza pela variedade de atividades estimuladoras e criativas aos educandos.

Enfatizando, a importância da participação dos educandos, pois poderá tornar essa tarefa enriquecedora. Destacando, que o ato de planejar , envolve um processo de previsão de necessidades, empregando recursos humanos e materiais , a fim de alcançar , objetivos concretos,sendo determinados em prazos e etapas, previamente definidos.

A meta de cada instituição escolar deve ser a de formar indivíduos mais autônomos, e o planejamento, deve ser o instrumento que conduz a essa meta. E toda meta, se solidifica quando seus membros trabalham em equipe e, assim, tornam-se seguros que podem crescer, tanto intelectualmente, quanto financeiramente no ambiente escolar.

Dessa forma, é fundamental ter um bom planejamento inicial, para definir objetivos claros que, venham a fazer com que nossos educandos, se tornem críticos e capazes de lutar por seus direitos.

Assim, um educador não pode justificar o fracasso do educando pela falta de conhecimento anterior ou porque os alunos são dispersos, é professor quem deve criar as condições, os incentivos e os conteúdos, para que os educandos se concentrem, criem estímulo e se dediquem ao trabalho escolar. Muitas vezes, o fracasso escolar e o bom andamento dos deveres de sala de aula provêm das desvantagens intelectuais e da própria condição de vida material dos alunos. Analisando, este lado, o educador, deve tomar essas situações, como ponto de partida para um bom planejamento.

Entretanto, embora o planejamento seja reconhecido como condição necessária para que a ação produza de maneira mais adequada os resultados desejados, observa-se nessa função, tendo em vista que ela requer dedicação, tempo e energia e, assim, não se traduzem em resultados imediatos.

Portanto, conforme as abordagens teóricas levantadas, um roteiro para uma boa elaboração compreende: a) definir o que é mais importante; b) esquecer a burocracia; c) conhecer bem de perto seu educando; d) reveja o planejamento conforme for necessário; e) preparar bem as aulas; f) colocar-se no lugar do aluno; g) pesquisar constantemente e em várias fontes; h) usar diferentes estratégias de trabalho; i) buscar ajuda sempre que necessário; j) fazer anotações diárias, para a constante avaliação e atualização do planejamento.

Lembrando, que o planejamento só funciona, se o educador levar em consideração a realidade da sala de aula a qual se encontra inserido e, o assunto a ser abordado, em sala de aula, deve considerar: número de aulas; áreas ou disciplinas envolvidas; conteúdo da aula e temas transversais a serem incluídos. Assim, o educador deve constantemente, estar repensando sua postura e para isso ele precisa ser mediador, facilitador, incentivador, avaliador reflexivo, organizador, observador reflexivo e principalmente: “ser aprendiz”

Portanto, o planejamento envolve habilidades de análise, previsão, decisão, habilidades como as de identificar necessidades, estabelecer prioridades, analisar alternativas de ação e ainda, definir programas de avaliação. Por fim, o planejamento como um fim em si mesmo, para o cumprimento de uma exigência legal ou superior, e sim, antes deve ser usado como norteador da ação, devendo ser testado e aprimorado quando necessário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G. (Org.). **Da escola carente à escola possível**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986. (Coleção “Educação Popular”, nº 8)

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Coordenadora Anne Joyce Angher. São Paulo: Rideel, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação a Distância. Salto para o Futuro: **Construindo uma escola cidadã, projeto político-pedagógico**. Brasília: SEED, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração: abordagens prescritivas e normativas da administração**. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

FERREIRA, Naura S. Capareto ( org. ). **Gestão Democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FUSARI, José C. **O Planejamento educacional e a prática dos educadores.** Revista da Ande , n. 8. São Paulo: 1984.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1984.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez, 1990.

MARTINEZ, M. J e LAHORE, C. E. O. **Planejamento escolar.** São Paulo: Saraiva SA, 1977.

MENEGOLLA, M. Sant'anna, I.M. **Por que planejar? Como planejar? Currículo – Área Aula.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico:** como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

SACRISTAN, G. A. **Plano do currículo, plano do ensino:** o papel dos professores/as. In: SACRISTÁN, G. A. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANT'ANNA, F. M.; ENRICONE, D.; ANDRÉ, L.; TURRA, C. M. **Planejamento de ensino e avaliação.** 11. ed. Porto Alegre: Sagra / DC Luzzatto, 1995.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento.** São Paulo: Libertad, 1999.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Profissão Professor**. Porto: Editora Porto. 1995.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Projeto político-pedagógico: uma construção coletiva**. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 15. ed. Campinas: Papirus, 2002.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.